



A Evolução do Ensino Militar: teoria X prática

Héber da Costa Mendonça de Almeida

Email: heberalmeida22@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6706-6308>

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN, Resende, RJ,
Brasil

Esse artigo pretende apresentar em que ponto da história da evolução do ensino militar no Exército Brasileiro, ocorreu a inflexão da teoria pura e acadêmica para a prática técnico-profissional.

Sobre o ensino militar no Brasil, é possível identificar que, a partir da criação da Academia Real Militar em 1810, ele ficou restrito ao meramente teórico voltado para as necessidades da Coroa no, então, Brasil Colônia. Segundo Leonardo N. Trevisan (2011, p. 16), “É fato, no entanto, que, desde as primeiras tentativas, o ensino militar entre nós sempre se confundiu com o de engenharia”. Portanto, as disciplinas teóricas prevaleciam sobre as “coisas da guerra”.

O restante do século XIX foi palco de diversas reformas no ensino cujo cerne da questão era um embate entre aqueles que defendiam a manutenção do cientificismo e academicismo característico da formação militar da época e os que defendiam a profissionalização do ensino militar de maneira que a formação militar realmente passasse a tratar das “coisas da guerra”.

Mesmo após a Guerra do Paraguai, o ensino continuou priorizando a teoria em detrimento da prática. Em parte, essa resistência foi possível devido a carência orçamentária e motivações de cunho político segundo Leonardo N. Trevisan:

Para a oficialidade combatente, que gostava de se apresentar como profissional, qualquer reforma endógena do Exército implicaria feroz exorcismo da teoria, seja qual fosse, em nome de um profissionalismo do homem de armas o qual redundasse maior eficiência de combate. Isso porque a ordem política era o que era, *as humilhações orçamentárias se sucediam* e o Exército passava por tamanhos vexames de desempenho. (2011, p. 74).

O Ten Cel. Hiram de Freitas Câmara no livro “A Força de um Ideal” também nos presta o seguinte esclarecimento acerca do não aproveitamento dos aprendizados da Guerra da Tríplice Aliança para reformulação do ensino militar:

Assim, de 1866 a 1870, as duas escolas principais, a Central e a Militar, sentiram os efeitos negativos da guerra, sem que lhes chegassem consequências favoráveis. A Escola Central, além das restrições de materiais, teve de conviver com o fato de muitos de seus instrutores e alunos participarem do conflito, *sem que, no retorno, repassassem a experiência profissional obtida*, por não terem sido levados a ocupar suas cátedras. (1985, p.15, grifo nosso).

Cerca de 40 anos mais tarde, a geração formada sob o domínio quase que exclusivo da teoria, teria o seu “batismo de fogo” em Canudos. As “coisas da guerra” fizeram falta e a vitória veio somente após vários insucessos. Encontramos ressonância no que escreveu o Ten Cel. Hiram de Freitas Câmara em seu livro “Marechal José Pessoa A força de um ideal” ao escrever sobre a criação da Escola de Guerra de Porto Alegre:

Escola que mostrava, pelo nome, a determinação de formar guerreiros para a defesa interna e externa da Pátria, e não mais oficiais Bacharéis ou doutores em Ciências Físicas e Matemáticas que *não conseguiram responder à altura os desafios operacionais no campo da Segurança Interna, gerado com as revoltas de Canudos, da Esquadra e da Revolução Federalista no Rio Grande do Sul*. (1985, p.15, grifo nosso).

Avançando no tempo, já na recém proclamada República e nos primeiros anos do século XX, o retorno de jovens tenentes que haviam sido mandados para a realização de estágio junto ao Exército Prussiano, começou a provocar um significativo movimento no sentido de implementação da prática militar. Esses jovens oficiais perceberam “a grande limitação na formação do oficial brasileiro: excessiva capacidade teórica contra quase nenhum domínio da realidade prática do soldado” (TREVISAN, 2011, p. 121). Esse movimento ficaria conhecido como Missão Indígena. Seria o início de uma espécie de contraofensiva da prática contra a pura teoria.



A Evolução do Ensino Militar: teoria X prática

Após o envolvimento dos alunos da Escola Militar do Realengo na Revolta do Forte de Copacabana, a Missão Indígena perdeu espaço e foi contratada a Missão Militar Francesa.

Podemos considerar a vinda da Missão Militar Francesa, particularmente a sua entrada no corpo docente da Escola Militar do Realengo, como sendo o real ponto de inflexão na formação militar. A partir de então, o ensino passou a ser teórico-prático ou apenas prático como mais uma vez nos esclarece Leonardo N. Trevisan:

Em pouco tempo e pela primeira vez a partir das ideias propostas pelos instrutores franceses, uma vez que a passagem da doutrina da Missão Francesa para a prática ganhou expressão na sua única forma "possível", a da realização de grandes manobras, o Exército Brasileiro empreendeu em outubro de 1920 sua primeira "manobra de quadros. (2011, p.163).

Não havia mais espaço para a teoria pura. Como consequência, a formação militar passou por várias outras reformas, porém nunca mais voltou a negligenciar a importância da prática.

Em suma, o estudo da história da formação militar no Brasil mostra-nos a importância da preservação e do desenvolvimento de uma formação essencialmente militar, voltada para as “coisas da guerra” e que o domínio/priorização da teoria pura sobre o ensino profissional militar pode se traduzir em graves resultados no campo de batalha.

REFERÊNCIAS

CÂMARA, Hiram de Freitas. **Marechal José Pessoa: A Força de um Ideal**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

HUNTINGTON, Samuel P. **O Soldado e o Estado: Teoria e política das relações entre civis e militares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2016.

TREVISAN, Leonardo N. **Obsessões Patrióticas: origens e projeto de duas escolas de pensamento político do Exército Brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.